

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Fernandes**

registada em 2009-02-04  
por

Jenny Campos e Susana Pires



---

## António Fernandes

António Fernandes, nasceu a 15 de Janeiro de 1936, em Pai das Donas. Filho de Raúl Evangelista e Hermínia da Conceição Fernandes, ambos de Pai das Donas. Enquanto estiveram em Lisboa, os pais andaram “a vender frutas, na feira da rua”. Quando regressaram a Pai das Donas trabalhavam “nas fazendazitas, a tratar dos animais da fazenda”. Das brincadeiras de infância recorda as bolas de pano, o jogo da macaca e da cabra cega, “tudo servia para brincar”. Na escola não chegou a fazer a primeira classe. “Às vezes, fazia os trabalhos de casa, com um candeeirito que tinha a luz suspensa, chamavam àquilo um pitoso.” Quando foi para Lisboa começou “a aprofundar e a aprender com mais alguém”. Do namoro conta que “não era como agora! Era proibido! Era o namoro na rua e ela à janela, não podia ser lá ao pé dela. A mãe estava sempre à coca, andava sempre a ver.” Casado há 53 anos lembra-se que “a festa foi na terra da minha mulher e havia convidados”. Emigrou para Lisboa e esteve por lá uns anos. Entre Pai das Donas e Lisboa teve vários trabalhos, começou na floresta a cavar mato com a idade de 7 anos. Trabalhou nas estradas, foi ajudante de camioneta, andou nas distribuições e foi colchoeiro. Depois de vir de Lisboa “comecei a fazer colheres de pau”.

# Índice

Identificação António Fernandes.....	4
Ascendência A minha família.....	4
Casa "Tinha mais que 200 anos".....	5
Educação "Eu nem a primeira cheguei a fazer".....	5
Religião A doutrina na Benfeita.....	6
Namoro "Namorar não era como agora".....	6
Casamento "Sou casado há 53 anos".....	7
Migração Fazer qualquer coisa para ganhar qualquer coisita.....	8
Percurso profissional "Não podia parar porque o dinheiro era preciso".....	8
Lugar A Benfeita.....	10
Quotidiano De Pai das Donas para a Benfeita todos os dias.....	15
Sonhos "O meu sonho é comer e descansar um bocadinho".....	15
Avaliação "Continuem".....	15

## **Identificação *António Fernandes***

O meu nome é António Fernandes. Nasci a 15 de Janeiro de 1936, em Pai das Donas.

## **Ascendência *A minha família***

### **Raúl e Conceição**

Lembro-me que o nome do meu pai era Raúl Evangelista, também era de Pai das Donas. Andava por Lisboa, a vender frutas, na feira da rua... naquele tempo era assim! Iam-se arranjando conforme podiam. A minha mãe era Hermínia da Conceição Fernandes. Era de Pai das Donas. Também andou em Lisboa, muito tempo, na venda das ruas, a vender frutas e o que calhava. Depois veio para Pai das Donas, coitada, com dificuldades naquele tempo.

Quando veio para Pai das Donas trabalhava na agricultura, nas fazendazitas, a tratar dos animais da fazenda. Lembro-me muito bem, semeavam campos de milho, batatitas, naquele tempo até eram poucas, agora semeiam mais. Mais um centeiozito, uns trigozitos, assim uma coisa.

O milho era para comer. Não vinham padeiros como agora vêm. Agora é todos os dias os padeiros à porta e naquele tempo não. Moíam o milho, e depois a farinha amassavam, quando queriam cozer, iam ao forno e faziam umas broazinhas. Toda a gente tinha um moinho e forno e coziavam quando era preciso, naquele tempo era assim.

### **Os meus irmãos e eu**

Eu tinha irmãos mas já morreram. Agora estou sozinho. Eu era o mais novo. Lembra-me muito bem de como brincávamos, havia brincadeiras que agora não há. À rapaziada nova tudo servia para brincar, até à bola, naquele tempo não havia bolas como agora há, eram umas bolas de pano, uma meia com uns trapos dentro e depois andavam aos pontapés. A gente é que fazia os brinquedos. E a jogar à macaca, chamavam àquilo a macaca. A gente arranjava umas brincadeiras. Jogavam também à cabra cega, atrás uns dos outros a ver qual

é que descobria aquele que estava escondido. Era tudo junto, rapazes e raparigas. Naquele tempo ainda havia muita mocidade, agora é que não há.

### ***Casa "Tinha mais que 200 anos"***

Lembro-me da minha casa de criança, é onde eu vivo ainda hoje. Naquele tempo a casa não caiu em cima de nós porque não calhou. Com o vento, com a chuva, com os temporais. Depois é que eu a reconstruí... Agora está melhor um bocadinho.

Era de xisto. Se calhar já tinha mais que 200 anos. Aquilo pouco jeito tinha. Os barrotes alguns já partiram. Os sacrifícios que a gente passou na vida. Miséria! Era um rés-do-chãozito e tinha a loja por baixo. Tinha um sótão por cima também reles e fraco. E depois chovia lá como na rua também.

Naquele tempo não tinha casa de banho. Agora tem uma casita de banho, mas naquele tempo não tinha nada, e ninguém tinha! Mais tarde, é que depois houve lá uma pessoa que fez uma casita de banho e depois apareceu outro, que tinha uma camionagem em Lisboa, arranjou uma casita de banho, mais de resto não havia nada. Chamavam àquilo umas retretes e iam fazer as necessidades àquele sítio. Naquele tempo, não sabiam o que era banho. Lavavam-se, às vezes, na fazenda, lá numa represa de água, tanto rapazes como raparigas. Cada qual em privado. Em casa, às vezes, era numa bacia ou num alguidar grande e era assim.

### ***Educação "Eu nem a primeira cheguei a fazer"***

Andei na escola ainda um tempito, mas não foi assim muito. Não. Eu nem a primeira cheguei a fazer. Escrevo o meu nome mas mal. Estive em Lisboa, depois lá é que eu comecei mais a aprofundar e a aprender com mais alguém.

A escola era na Benfeita. Isto agora está tudo reformado. Primeiro havia aqui uma classe e havia mais abaixo uma outra, para cima do centro, da igreja. Aquilo não era escola. Era uma casa com um salãozito e ali ensinavam as raparigas e na outra era os rapazes. Já não tenho ideia do professor! Já há tanto ano... Tenho 73 anos, já não me recorda bem. Naquele tempo era com uma régua que os professores batiam. Aquilo custava. Por qualquer coisa, pumba, já está! Uma reguada. Por qualquer coisa! Se calhar agora essa coisa ainda havia de vir porque há muita liberdade, há muita coisa, fazem pouco dos professores, tratamos mal. Quem sabe se não seria preciso essa reprimenda.

Naquele tempo tínhamos aí uns 8,9 anos. Depois íamos para casa e ainda tínhamos que trabalhar. Em vez de estudarmos alguma coisa ainda tínhamos

---

que ir para o campo ajudar qualquer coisa. Era um tempo ruim, de miséria! Eu trabalhava mas os outros também e mais! Trabalho de ajudar aos animais, ao gado, uma coisa e outra. Às vezes, fazia os trabalhos de casa, com um candeeirito que tinha a luz suspensa, chamavam àquilo um pitoso. A gente punha-se ao pé do candeeiro e ia o fumo do candeeiro, até intoxicava a gente. O lume estava solto, a luz estava solta, o fumo umas vezes ia para cima, outras vezes embrulhava a gente. Eram tempos ruins! Esse tempo que não lembra a gente mais.

### **"Umas vezes aos tombos, outras de qualquer maneira"**

Era a pé que vinha para a escola. Naquele tempo era depressa. Nós de Pai das Donas, que era uma terra perto, eram 7-8 minutos. Se calhar nem tanto. Era tudo por aí abaixo a direito, a gente arranjava um caminho. Para baixo íamos nós depressa, não ia à procura de atalhos, a gente é que arranjava o caminho, pelo pinhal abaixo. Sempre rectas. Umas vezes aos tombos, outras vezes de qualquer maneira. Para cima é que era pior, não havia carros como agora há. Agora vêm as carrinhas buscá-los vão depois levar, isto agora é um paraíso!

### **Religião *A doutrina na Benfeita***

Andei na doutrina. Também andei pouco tempo. Era na igreja, na Benfeita. Naquele tempo, na Benfeita havia muita gente, havia umas pessoas reformadas já, que ensinavam a doutrina. Havia aí uma senhora que era professora reformada, e uma irmã que era mais nova e também começou. Era muito religiosa, muito beata. Essas é que ensinavam! Às vezes, ainda se aprendia alguma coisita e é o que sei. Não cheguei a fazer a comunhão. A vida era muito má. Depois desviavam a gente. Naquele tempo não se ligava a isso.

### **Namoro "*Namorar não era como agora*"**

Ai namorar não era como agora! Era proibido! Era o namoro na rua e ela à janela, não podia ser lá ao pé dela. Agora não, agora é diferente. Naquele tempo, os namoros eram mais reservados. A mãe estava sempre à coca, andava sempre a ver. Era proibido pela mãe e pelo pai.

Às vezes, quando a rapariga dizia:

- "Fulano de tal..."

A gente chamava-o a casa... Ele ia se autorizassem, se não autorizassem um rapaz não podia lá ir a casa. Tinha que estar à frente das outras pessoas.

---

Às vezes, nem que tivessem que fazer, a mãe da rapariga estava a observar o que se passava. Nem um beijo. Nadinha! Só depois de casar e algumas até se envergonhavam no fim de estarem casadas. Não estavam acostumadas, pronto.

## Os meus namoros

Eu namorei muito tempo com umas e com outras. Lá nisso ainda ganhei prática, namorar com esta e com aquela. Umhas eram para um bailarico, outras eram um mês, outras eram dois meses, outras era um ano... Era conforme calhava. Podia ter uma namorada na Benfeitá e outra em qualquer lado. Eu também ainda passei isso. Era em várias terras, em vários lados. Era mais na altura do Carnaval, dos bailaricos, que a gente arranjava raparigas e elas arranjavam rapazes. Eu ia para outras terras. Eu e mais, aos domingos a gente corria várias terras, bailarico a um lado, bailarico a outro. Havia quem dissesse:

- "Aí, em tal parte, é que há um baile grande, um baile valente. Vai lá muita rapariga."

E a gente ia para lá! Outro dia ouvíamos noutro lado e íamos para outro lado. E assim andávamos. Agora não. E era tudo a pé! De noite pelas serras fora. Agora não, agora vão de carrinho, de motorizada, agora não sabem o que é custar a vida.

Havia terras que o baile era toda a noite, às vezes até ao romper da manhã e havia outras terras que ao pôr-do-sol, mais ou menos, elas tinham que ir para casa que estavam lá os pais à espera. E a gente vinha para outros lados.

Com a minha mulher, para ser concreto, eu nem a pedi em casamento. Eles sabiam, os pais, para o que eu andava lá. Depois mais tarde até:

- "Então tu não pediste..."

- Então ela não sabia que eu andava lá para isso?

## Casamento "*Sou casado há 53 anos*"

Sou casado há 53 anos. Lembro-me do casamento. Na altura, a noiva ia de branco e o rapaz ia de fato preto. Para mim isso era mau. Com uma gravata branqueada e depois lá íamos. Achava aquilo triste, mas naquele tempo usava-se. Eu também fui de preto. Fato preto.

Íamos casar longe! Eu fui à freguesia da minha mulher, chamam o Mosteiro de Folques. Depois tínhamos que ir quase duas horas a pé pia baixo<sup>1</sup> uns atrás dos outros, em jejum, para comungar depois lá.

<sup>1</sup>por aí abaixo

---

Ia uma pessoa com comida para no fim do casamento a gente comer alguma coisa. Toca a andar por aí acima para casa. Até para arranjar uma rapariga a gente via-se à rasca!

A festa foi na terra da minha mulher e havia convidados. Nesses tempos convidavam mas pouco davam, coitados, também não tinham que dar. Pessoas amigas, famílias e era assim que eram os casamentos naquele tempo. O hábito lá e em qualquer lado era comer carne assada. A comida não era má porque a carne assada naquele tempo, a bem dizer era só de ano a ano. Agora come-se carne assada se for preciso todas as semanas. Isto virou. Carne assada e chamavam o arroz de fressura, também era isso que se comia, e bom, aquilo era bom! Ainda hoje é bom sabendo-o arranjar. E eram assim uns doces, tigeladas, arroz-doce, bolos de toda a qualidade, já faziam isso. Nem que ao outro dia ficassem todos empenhados! Eram os pais dos noivos que pagavam e depois dividiam a conta pelos pais dela e dele.

Fiquei a viver dois anos na terra da minha mulher: Monte Redondo, Folques. E depois ao fim de dois anos mudámo-nos para aqui para o Pai das Donas. Não tivéramos filhos.

## ***Migração Fazer qualquer coisa para ganhar qualquer coisita***

Estive em Lisboa muito tempo. Fui já tinha uns 30 anos. Estive lá uns anos e depois é que vim para Pai das Donas de todo.

Trabalhei lá em vários ramos: colchoarias, casas de móveis, camionetas... A gente quando sai daqui para fora tem que pôr a mão em alguma coisa, para ganhar alguma coisita. Na colchoaria fazia colchões simples, colchões mistos. Aquilo eram várias casas a fazer colchões. Os meus patrões eram aqui de perto. Quando estive em Lisboa vinha à terra mais que uma vez por ano. Vinha no Verão, e em dias mais diferenciados.

## ***Percurso profissional "Não podia parar porque o dinheiro era preciso"***

### **Dos 7 aos 30 anos**

O meu primeiro emprego foi na floresta. A seguir da criancice foi na floresta a cavar mato. Com a idade de 7 anos. Em vez de enfrentar bem a escola como deve ser, fui para a floresta. A casa precisava de dinheiro e mesmo

---

assim ganhava-se pouco. Ganhava-se sete escudos por dia. Depois daí é claro já começou a idade a prolongar. Andei à volta de 20 anos na floresta. Quer dizer, não era efectivo, começava a trabalhar, depois parava, porque faltava verba. Mas contando tudo foi à volta de 20 anos. Andávamos por lá, até raparigas por lá andavam e tudo, a roçar mato, a cavar e a semear pinhão. Tudo isso acabou. Agora parece que não se vê isso.

E ainda andei por aí nas estradas a trabalhar, não podia parar. Porque o dinheiro era preciso. Andava a minar penedas. Agora são máquinas. Agora abre-se uma estrada, é rápido, naquele tempo era 20-30 homens conforme calhava com uma picareta a rebentar peneda. Aquela que vai ali para cima para a minha terra a gente andou lá! Lá pelas serras, por um lado e por outro.

## **O trabalho em Lisboa**

Depois daí é que fui para Lisboa, fui para as camionetas. Era ajudante. Era um bocado pesado também. Naquele tempo tinha que se andar. O trabalho de ajudante é estar a par das cargas, da carrada. Está ali o chofer a conduzir e lá ajuda qualquer coisita, o resto é do ajudante da camioneta. Tinha que carregar e descarregar e levar aos fregueses.

Quando era ajudante de camionetas o ordenado era conforme. Quando havia mais gorjetas e tal, dava mais alguma coisita mas isso nunca se podia contar. Uns davam gorjetas, outros não davam. Naquele tempo era à volta de 60, 70 escudos por dia mais ou menos.

Também lá andei em distribuições. Distribuições também é ruim. Distribuía várias coisas, numa empresa que as pessoas iam lá levar as encomendas e depois íamos lá para o lado de Cascais levar. A camioneta dava a volta e a gente ia pelos sítios onde estavam os fregueses, e a gente é que tinha que levar aqui e acolá as encomendas, como agora despacham, por exemplo, naquele tempo era assim.

Ainda estive um tempito em Lisboa, uns 7-8 anos mais ou menos. A trabalhar estive onde chamam a Graça, que é ao pé de Sapadores. E vivia na Costa do Castelo. Trouxe boas recordações. Tinha que trazer. Umas boas, outra más.

Naquele tempo ganhava eram 300 escudos por semana. Hoje é 1 euro e meio. Eu depois pedi aumento aos meus patrões, que não chegava, era pouco e depois começou-me a dar mais 50 escudos além desses 300, com medo que eu fugisse para outro lado. Nessa altura fazia colchões simples e colchões mistos. Naquele tempo era assim: de um lado palha e do outro lado sumaúma. O colchão era feito e depois no centro daquele colchão levava então para dividir, uma prateirazinha, e enchia-se de um lado de sumaúma e do outro palha. Quanto

---

mais a gente batia na sumaúma mais ela subia. Ficava muito fofinha, uma coisa muito boa. Depois era basteadado. Nem qualquer um faz aquilo, e depois aquilo ficava muito bonito, confortável e saudável.

Às vezes, lá cozia à máquina, outras vezes eram os patrões que faziam aquilo. Depois:

- "Ó senhor António está aqui este é para isto, é para aquilo..."

Eram pessoas que queriam de um lado uma coisa e do outro lado outra. A sumaúma era mais para o Inverno, aquecia. E também havia de lã, também se podia fazer de lã se os fregueses quisessem. A lã era escarpeada numa máquina própria que a gente tinha. Um quilo armava muito e depois ou lã ou sumaúma ia para um lado e a palha ia para o outro. A palha era para o Verão, que era saudável, era melhor que a lã. A lã já era mais doentia um pouco.

O preço do colchão era conforme eles eram. Esses mistos de sumaúma de um lado e palha, esses eram mais caros. Naquele tempo havia os de 500, até de 1000 escudos. Já era dinheiro. Não era qualquer um que comprava aquilo. Eram vários preços. Era à volta de um ordenado mensal meu.

## **De volta a Pai das Donas**

Depois que vim de Lisboa comecei a fazer colheres de pau. Aquilo ainda dá trabalho. Ainda estive aí uns anos, já no fim de vir. Uma colher de pau tem que se ir ao pinhal, buscar madeira, tem que se talhar de faca, machada e enxó. É preciso quatro ferramentas. Ainda trabalhei muito com isso. Uma colher de pau alguns podem fazer mais depressa, porque foram criados nisso, agora para mim ainda dava aí uma meia hora. Aprendi comigo, às vezes, ia por aquele lado e por aquele e via este fazer e via aquele fazer e depois tentei começar. Quem tem ideia disto ou daquilo aprende sempre. Para as vender havia cá armazenistas, na zona. Pessoas que compravam a este, àquele e aquele outro. E depois é que as vendiam para os fregueses. Aquilo de vez em quando aumentava uns tostõezitos em cada colher. Era pouco. Era só um amparo.

De todos os trabalhos que tive o que mais gostei foi de cavar terra, tanta terra que eu cavei. Rachar lenha pelos pinhais com um machado. Isto era uma vida desgraçada. Era no campo a cavar a terra e tratar dos animais. A minha vida bem contada do princípio até agora havia muita folha para encher.

## **Lugar A Benfeita**

À Benfeita, primeiro chamavam Valverde e depois é que foi daí para Benfeita, não sei qual foi a razão. Isto é muito antigo. E aqui as pessoas também

---

têm uma alcunha, não sei se são "Balseiros", é assim uma coisa. Em Pai das Donas é "Burromões". Ao lado há uma terra que chamam as Luadas é "Caiados". O Sardal é "Casaquinhas", a seguir, é Enxudro é "Cavaleiros" e Monte Frio é "Troca-Cabaças". A Dreia em baixo é "Camisas brancas".

### **Senhora da Assunção**

Na Benfeita, a santa padroeira é a Senhora da Assunção. Têm feito festa, é a 15 de Agosto. Lembro-me da festa antigamente. Já teve várias fases, umas vezes, no princípio com festas animadas, depois já começou as coisas a saírem mais caras, a música, e já começaram a fugir mais às despesas e agora esses conjuntos que vêm, não há dinheiro para lhes pagar. Vinha a música e toda a gente dançava. No largo, chamam aquilo o areal, isto só se via gente a bulir, a bailar uns com os outros. Agora não, se vier a música aí no dia de uma festa ninguém dança. Isto está tudo diferente. Dançavam rapazes e raparigas à vontade, então a gente conhecia-se todos uns aos outros. Os pais não ficavam nada chateados. Não havia azar nenhum porque se conheciam, era tudo como irmãos. Era raro aquele que vinha de longe para aqui divertir-se. Era tudo da zona.

Havia leilão nos intervalos, vendiam as ofertas, vendiam garrafas, aquilo que calhava. Às vezes, até traziam as coisas à cabeça, as raparigas. Eram as pessoas que ofereciam. E depois faziam aquelas ofertas e algumas vinham largadas por aí abaixo com ofertas à cabeça para dar. Havia aqui uma festa, anual, que é a Nossa Senhora das Necessidades, todas as terras deixavam ofertas para ser leiloadas no dia da festa. O dinheiro revertia para os centros religiosos. Aqui a Benfeita não é agora nada do que era há um tempo. Na minha mocidade isto era uma terra de muita gente.

### **"Valha-me Deus o que a gente passou, naquele tempo"**

Naquele tempo não havia luz, veio mais tarde. Era candeeiros de petróleo e aqueles que o tinham. Naquela altura parece que se via mesmo às escuras. Agora só com um bom candeeiro, naquele tempo não, havia umas lampadazitas das de algibeira. Chegávamos a casa para comer, a família era, às vezes, com uma lenhita para dar uma claridadezita, umas pinhas. Valha-me Deus o que a gente passou, naquele tempo!

Naquele tempo não havia água em casa, tinha que se ir buscar aos chafarizes, e poucos. Tinha que se ir longe buscá-la, onde ela estava, a uns chafarizes que havia. Era nessa altura que as pessoas se encontravam. E era onde havia os tais namoriscos. Havia uns cântaros de barro e depois as raparigas iam

---

para ali e havia nascentes que estavam fracas, mais tempo lhe demorava a encher o cântaro. Era quando aproveitavam mais tempo a namorar, que os pais estavam em casa. Isto deu uma volta muito grande.

Para regar os campos havia nascentes nas fazendas, havia essas presasitas que chamavam poças. Juntavam ali as águas e depois regavam.

A água estava dividida, tal dia é fulano, tal dia é sicrano. Senão ninguém se entendia. Às vezes, ainda havia confusão. E quando andava por partir a água, quer dizer havia uma ou duas que andava ao leilão e noutras alturas dividia. Mas, às vezes, antes de ser dividida ainda havia até porradiço<sup>2</sup>! Havia pessoas que não entendiam bem as coisas.

Na minha terra nunca se regou de noite que havia sempre água com fartura e não havia coisa para isso. Mas, havia muita terra da freguesia que regavam de noite. Até na terra da minha mulher, às vezes, eu andava na floresta, chegava a casa, lá vai a gente pegar num candeeiro para a fazenda. Uma vez fui lá um bocado para regar, para alumiar à minha mulher, a derramar água lá no milho, de repente caio ao pé dela, com o sono. Ah, eram tempos desgraçados.

### **Não havia correio**

Não havia correios, na minha criação era uma mulherzita que fazia o correio de Pai das Donas para cima, todos os dias. Agora sábado não há, domingo não há, naquele tempo era todos os dias, sábados, domingos, feriados.

Não distribuía pelas casas, ia só levar a mala. Tinha uma malazinha fechada e entregava à pessoa que estava entregue àquilo. Tinha uma caixa do correio e essa pessoa então, depois, é que abria a mala e iam lá procurar se tinham carta. Se havia entregavam-na e se não havia:

- "Não há, hoje não houve nada."

### **Pessoas para recordar**

Na Benfeitá havia umas pessoas, chamamos nós ainda hoje pessoas de valor. Hoje não há pessoas como naquele tempo. Havia o Alfredo Oliveira. Esse era um indivíduo que esteve na Junta muitos anos, aquilo que ele dizia é que era. Chamavam então, naquele tempo, juiz de paz. Era presidente da Junta e juiz de paz.

Havia, às vezes, desavenças nalgumas povoações e isto e aquilo e aquele outro, e depois vinham aqui ter com ele. Acomodavam-se todos, naquele tempo

<sup>2</sup>pancada

---

era assim, hoje não, isto está tudo mudado. Depois ele apaziguava-os. E depois é claro, ficava tudo bem. Hoje não há isso.

O Simões Dias é muito antigo. Também é da Benfeita, o poeta Simões Dias. Está na Benfeita, a memória dele.

Também tínhamos pessoas que eram como se fossem médicos. Chamavam até àquilo, ainda hoje há quem chame curandeiros. Dão os remédios, dão isto e dão aquilo e, às vezes, faz bem. Nunca cheguei a ser curado por nenhum deles, nessa ocasião, mas havia pessoas que até arrancavam dentes e tudo, com alicates com ferrugem e tudo, e ninguém morria. Um era José Maria e outro era Augusto Pinto. Um era mais atencioso, mas o outro esteve na tropa, lá é que ele aprendeu, também dizem que era habilidoso. Era com remédios e com o que calhava que curavam as pessoas. E, às vezes, evitavam de vir médicos e isso tudo. É verdade!

### **Benfeita: terra de tradições**

Faziam matanças do porco, ainda hoje fazem, mas são poucos. Hoje já há menos porcos. Até eu matei muitos. E também criei alguns.

Esse dia era uma festa, convidava-se a família e quem lá ia ajudar. Comia-se. Os meus avôs convidavam as pessoas. As pessoas que ajudavam, comiam o almoço. Naquele tempo, jantar era ao meio-dia, uma hora. Agora é o almoço. E depois à noite agora é o jantar, naquele tempo era a ceia. No final de comer o porco, à noite, já pouco mais lá havia. Era muita gente. E depois ao outro dia, o indivíduo que matava ia desmanchar o porco e também levava mais um corte. No dia de salgar os presuntos e a carne, já pouco ficava em casa. Era assim naquele tempo.

Havia trabalho para todos. Toda a gente trabalhava, toda a gente ajudava. As mulheres cortavam a carne para as chouriças, no fim de desmanchar. Começavam a tirar aquilo que entendiam que era para as chouriças, para aquela gamela vai isto, para aquela gamela vai aquilo e era assim que faziam.

As vindimas eram fracas, mesmo assim, ainda haviam aí umas vindimizitas e havia quem ajudasse. Às vezes, troco por troco, iam-me ajudar a mim, depois eu ia ajudar a eles e era assim.

Tenho feito sempre vinho. Para fazer vinho é cortar as uvas e levá-las para a adega, para a loja. Agora é esmagado com máquinas que há próprias, naquele tempo era a pé. Lá para o Douro ainda há isso. Depois ia para os balseiros ferver, no fim de 4-5 dias é metê-las para os pipos. E a massa ia para o alambique fazer aguardente.

Eu sei fazer aguardente. A massa é levá-la para o alambique, faz-se a fogueira e ela começa a correr por um canozinho. Agora há essa coisa de regular

como é que a querem: mais forte ou mais fraca. Nós não. A primeira que cair, três, quatro, cinco litros era forte, depois começava a afracar, afracar, afracar, até que se tinha que arrancar a cabeça ao alambique. Depois a descarregar, apanhar escaldadelas, descarregar aquilo tudo e meter lá outra massa. A massa sai quente, está a ferver.

Há pessoas que fazem uma alambicada por dia, outras faziam duas e três, era conforme calhava.

Eu ajudei a queimar muitos gatos, no dia de Carnaval. Púnhamos um pinheiro e esse pinheiro era cheio de palha por aí acima e de coisas. Púnhamos-lhe na ponta um cântaro e púnhamos lá um gato que fosse bravo. Depois esse cântaro era seguro com um bocadinho de palha, num galho. Depois o lume ia pela palha acima e chegava lá acima e queimava a palha e o cântaro caía cá em baixo. O gato, às vezes, ia cheio de lume. Fugia a sete pés! Tradições que agora já não há. Já não há nada disso! Alguns iam aflitos mas era sempre o que era mais bravo que ia para isso.

O dia da cobra falavam que era no primeiro de Maio, que era o dia das cobras mas não me lembro de mais nada.

As badaladas da torre da Paz acho que foi quando acabou a guerra. Naquele tempo eram 1700 badaladas que a torre dava naquele tempo, no dia 7 de Maio, quando fazia anos que acabou a guerra. Ainda hoje dá isso. Ainda hoje toca. Chega-se àquele dia e começa dar as badaladas. É capaz de estar uma tarde quase inteira a tocar. Tradições...

Muita gente emigrou para a África e depois vinham para cá, gente de dinheiro. Isto agora deu uma reviravolta grande. Aqui e em qualquer terra. Mas numa terra onde há mais gente, a gente nota mais.

Tinha tudo o que tem agora. Tinha tanta casa que eles quando vieram da África construíram. Primeiro as casas "pia cima"<sup>3</sup> juntas, depois começaram a fazer casas "pia baixo"<sup>4</sup>, esses que vieram da África.

Cá houve ranchos, chamam o Rancho Manjerico, foram a Coimbra, a um lado e ao outro actuar. Tinha nome. Mais tarde o Rancho Manjerico acabou e depois veio um rancho de miúdos, infantil. Depois até acabou. Eram jeitosos. Tinham umas fardazinhas bonitas e actuavam bem mas tudo isso acabou.

A Liga de Melhoramentos da Benfeita é para arranjar melhoramentos. É uma instituição. Assim como na minha terra há uma Comissão, até faço parte dela, todas as terras têm uma. Mas isto agora está mau, não há pessoas para dar dinheiros, porque se não houver dinheiro não há nada: fazer restauro disto

<sup>3</sup>por aí acima

<sup>4</sup>por aí abaixo

ou daquilo. Uma povoação está sempre a precisar de melhoramentos, é sempre preciso.

A Benfeita foi sempre uma terra de nome. E as tais pessoas de valor que cá havia, tudo isso já morreu, isto agora é uma gente diferente, mais individualista. Antigamente era gente que o que eles diziam era o que se fazia. A Benfeita tem a casa da Liga, a Junta, a Igreja Matriz, tem o Centro de Dia, tudo isso é valor. Mas aqui não se pode mudar muito já, porque o pessoal é pouco. Eles queriam fazer um lar aí, mudar aquilo de centro para um lar, e era bom para o pessoal já velhote como eu.

No Verão vem aí muita gente. Há uma praia fluvial que vem para aqui muita gente, até de longe. E tem a Mata da Margaraça, tem a Fraga da Pena. Os turistas fazem bem à aldeia, fazem despesa.

### ***Quotidiano De Pai das Donas para a Benfeita todos os dias***

Os meus dias agora venho para a Benfeita, depois há uma carrinha que leva a gente para cima e vou para casa. Em casa tenho umas galinhas, ainda vou tratar delas. No Inverno acende-se o lume, a lareira e vou-me aquecendo, mais a minha mulher. Acendo a televisão e estou a ver, até à meia-noite, as telenovelas e essas coisas todas. Vai-se até ao café tomar a bica, dar uma voltinha. É assim, é uma vida... Também já tive uma vida ruim. Agora está a coisa mais encaminhada.

### ***Sonhos "O meu sonho é comer e descansar um bocadinho"***

Já não tenho sonhos, já vou em 74 anos. Eu já fiz tanta coisa. Agora já não. O meu sonho agora é comer e descansar um bocadinho. E às vezes ainda semeio umas batatinhas e tal, mas devagarinho! E uma hortazinha, um miminho para as horas vagas. E é assim que se faz. Não tenho saudades do passado, só da mocidade mais nada. Não tenho pena de mais nada. Eu casei-me com 19 anos e era quando eu estava a gozar bem a mocidade.

### ***Avaliação "Continuem"***

Isto é um género de um inquérito que é recordar as passagens antigas, é importante. Eu acho bem. Eu acho que estão a fazer um bom trabalho, sim, continuem que andam a trabalhar bem.